

Contributo dos jesuítas para o estudo da flora brasileira, no Séc. XVI – Anchieta e Cardim

Isabel Maria Madaleno¹

RESUMO

O Brasil foi oficialmente descoberto em 1500 pelo português Pedro Álvares Cabral. Durante o séc. XVI, a colonização europeia foi evoluindo lentamente, quase sempre adentrando os rios, processo que facilitou a descoberta de novas plantas e seus usos. Por serem letrados e estarem melhor habilitados para fazer o registo e a descrição de novas espécies, o clero e, em especial os membros da Companhia de Jesus, legaram-nos relatos de inestimável valor histórico, geográfico, etnográfico e científico sobre a flora brasileira. Este artigo debruça-se sobre os manuscritos de José de Anchieta e de Fernão Cardim, demonstrando que muitas das espécies silvestres ou cultivadas, as nativas como as exóticas, continuam a ser consumidas na contemporaneidade.

Palavras-Chave: Cultura. História. Brasil. Flora. Anchieta. Cardim.

1 INTRODUÇÃO

Muito antes das expedições de notáveis naturalistas pela América do Sul, já os colonos portugueses colhiam e descobriam as plantas brasileiras, aprendendo com os índios a cozinhá-las, saboreando novas frutas e aplicando mezinhas sobre as picadas de insetos, mordeduras de cobras, ou consumindo beberagens mágicas para curar febres e disenterias. O resgate desses saberes tradicionais foi registrado, entre outros, pelos jesuítas Anchieta e Cardim, que viveram no Brasil grande parte da sua existência. José de Anchieta nasceu nas Ilhas Canárias (1534), estudou em Portugal e viajou pelas Terras de Vera Cruz entre 1553 e 1597 (MADALENO, 2016). Fernão Cardim nasceu no Alentejo, em Portugal (1548-1549?), chegou ao Brasil em 1583 e faleceu em Salvador em 1625 (CARDIM, 1997).

O estudo da obra de José de Anchieta foi feito em arquivos e bibliotecas (PETRUS et al., 1610; ANCHIETA, 1933), mas o “*Tratado da Terra e Gente do Brasil*” de Fernão Cardim está já editado e anotado (CARDIM, 1997). Do cruzamento das descrições sobre a flora coetânea organizámos uma listagem de 83 vernáculos, referentes a espécies nativas e exóticas, que apresentamos nesta contribuição por possuir inestimável valor histórico, em especial no domínio da evolução científica da Farmácia e da Matéria Médica brasileira. O tema não é inédito, já que alguns autores portugueses se têm debruçado sobre o estudo da flora do Renascimento, nomeadamente Luís de Pina (1940), Fernando Catarino (1993), José Pedro Sousa Dias (1993), Maria Paula Basso e João Neto (2000), Jorge de Couto (2008), Germano de Sousa (2013).

¹ MUHNAC, Universidade de Lisboa. isabelmadaleno8@gmail.com

Quadro 1 – Flora Mencionada nos Manuscritos de Anchieta e Cardim

Nome vernáculo	Identificação botânica	1	2	Usos atuais	Usos no séc. XVI
1. Abóbora	<i>Cucurbita pepo</i> L. CUCURBITACEAE	v	v	A M	Legume tido por europeu em Anchieta, mas nativo em Cardim.
2. Abóbora da Guiné	<i>Cucurbita moschata</i> Duchesne CUCURBITACEAE	v		A	Espécie melhor que a de Portugal.
3. Acaju, caju, Quaiú	<i>Anacardium occidentale</i> L. ANACARDIACEAE	v	v	A M	O sumo do fruto, fermentado pelos índios, dava lugar à bebida chamada cauim. A casca do cajueiro servia para fabricar decocção curativa.
4. Aiabutipigta	<i>Gomphiaparviflora</i> A. DC. OCHNACEAE		v	-	O óleo da semente servia para besuntar o corpo contra dermatites.
5. Aipo	<i>Apiumgraveolens</i> L. APIACEAE		v	A M	Condimento
6. Aiuruatubira	<i>Bixaorellana</i> L. BIXACEAE		v	M	O fruto vermelho aplicava-se na pele como repelente de insetos.
7. Alface	<i>Lactuca sativa</i> L. ASTERACEAE	v	v	A M	Vegetal cultivado pelos colonos portugueses.
8. Algodão	<i>Gossypiumherbaceum</i> L. MALVACEAE	v	v	M O	A Bahia tinha muito algodão cultivado
9. Alho	<i>Alliumsativum</i> L. AMARYLLIDA-CEAE		v	C M	Legume
10. Almécega-cheirosa, Breu	<i>Proteumheptaphyllum</i> (Aubl.) Marchand BURSERACEAE	v		M	Untam o cabelo com resina de almécega, “picando tudo numa pasta, sobre a qual por galanteria lançam soma de penugem de pássaros”.
11. Ambaigba, imbaúba	<i>Cecropiaadenopus</i> Mart. exMiq. URTICACEAE		v	O	A seiva cicatrizava feridas juntamente com lascas da casca, que ajudavam a fechar os golpes.
12. Ambaigtinga, imbaúba-branca, yagruma	<i>Cecropia palmata</i> Willd. URTICACEAE		v	M	O óleo extraído da folha era usado contra o vômito, como analgésico, esfregado no estômago contra as dores.
13. Andá	<i>Johannesia princeps</i> Vell. EUPHORBIACEAE		v	O	O óleo do fruto cicatrizava as feridas.

14. AraticuAraticum	<i>Annona montana</i> Macfad ANNONACEAE	v	v	A M	Fruto comestível
15. Arroz	<i>Oryzasativa</i> L. POACEAE	v		A M	O arroz cultivado no Brasil era transportado para Angola.
16. Banana, Figo da Índia, Pacoba	<i>Musa paradisiaca</i> L. MUSACEAE		v	A M	Diurética e afrodisíaca. Antipirética, as folhas da bananeira e o fruto, que também era anti-hemorrágico.
17. Batata	<i>Solanum tuberosum</i> L. SOLANACEAE	v		A M	Comida assada ou cozida, serve de pão a quem não tem outro
18. Betele, Iabi-grandi	<i>Piper betle</i> L. PIPERACEAE		v	-	Males do fígado. Narcótico.
19. Caaroba	<i>Jacaranda brasiliana</i> (Lam.) Pers. BIGNONIACEAE		v	M	A folha mastigada aplicava-se na pele para resolver inchaços e tumores.
20. Cabureigba	<i>Myrocarpusfastigiatus</i> Allemão FABACEAE		v	O	A seiva era cicatrizante natural. Os índios também usavam o óleo extraído da casca.
21. Camapu	<i>Physalisangulata</i> L. SOLANACEAE	v		A M	“O mantimento com que os dous irmãos acabado o dilúvio se sustentaram chamão elles camapu”
22. Camará	<i>Lantanacamara</i> L. VERBENACEAE		v	M	A decocção da folha usava-se para lavar feridas e golpes, e para curar a sarna.
23. Cana-de-açúcar	<i>Saccharum spp.</i> POACEAE	v	v	A M	Havia já plantações e engenhos de açúcar na Bahia. Ingrediente de diversas prescrições
24. Cana Fístola americana	<i>Cassia grandis</i> L. FABACEAE		v	A O	Espécie americana com propriedades medicinais e usos terapêuticos idênticos aos da asiática.
25. Cará	<i>Dioscoreadodecaneura</i> Vell DIOSCOREACEAE	v	v	A M	Raiz comida assada ou cozida, serve de pão a quem não tem outro.
26. Cayapiá, capiá, erva de cobra	<i>Dorsteniabrasiliensis</i> Lam. MORACEAE		v	M	Afrodisíaco, a infusão da raiz da erva é contraveneno, cicatrizante e antipirético.
27. Cebola	<i>Allium cepa</i> L. AMARYLLIDACEAE		v	A	Condimento europeu que designa como legume.

28. Cedro, Cedro Vermelho Cedar	<i>Cedrela odorata</i> L. MELIACEAE	v	v	M	Pau de bom olor. Árvores que servem para madeira.
29. Coco, Palmas, Palmeiras	<i>Cocos nucifera</i> L., <i>Geonoma paniculigera</i> Mart. ARECACEAE	v	v	A	As mulheres índias “banham-se na joeira das palmas, para não terem as dores no parto”. As palmas cobrem as suas casas (<i>Geonoma paniculigera</i>).
30. Coentro	<i>Coriandrum sativum</i> L. APIACEAE		v	C M	Legume em Cardim.
31. Couves	<i>Brassica</i> spp. BRASSICACEAE	v	v	A	Hortaliças de Portugal cultivadas no Brasil.
32. Cupaigba, copaiba	<i>Copaiferareticulata</i> Ducke FABACEAE		v	M	O óleo extraído da casca usa-se contra golpes e em fricções antirreumáticas.
33. Curupicaigba, aveloz, pau pelado	<i>Euphorbia brasiliensis</i> Lam. EUPHORBIACEAE		v	M	A seiva é cicatrizante, usada ainda contra enfermidades da pele.
34. Endro	<i>Anethumgraveolens</i> L. APIACEAE		v	M	Legumes de Fernão Cardim.
35. Erva-moura, Guaraquigynha, erva-de-bicho	<i>Solanum nigrum</i> L. SOLANACEAE	v	v	M	“Camapu que sera uma erva semelhante à que chamamos erva-moura”. Ingerida contra lombrigas, segundo Cardim.
36. Erva-Santa, fumo	<i>Nicotianatabacum</i> L. SOLANACEAE		v	O	Fumado pelos índios, foi hábito adotado pelos colonos lusos. A folha também curava feridas, catarro, dores de cabeça e de estômago, sendo considerado antiasmático.
37. Ervilha	<i>Pisumsativum</i> L. FABACEAE	v	v	A	Legume consumido no Brasil.
38. Favas	<i>Viciafaba</i> L. FABACEAE	v		A	Legume consumido localmente e melhor que a de Portugal.
39. Feijão	<i>Phaseolus vulgaris</i> L. FABACEAE	v	v	A	Legume consumido no Brasil.
40. Funcho	<i>Foeniculum vulgare</i> Mill. APIACEAE		v	A M	Legume
41. Gengibre	<i>Zingiber officinalis</i> L. ZINGIBERACEAE	v		C M	“Dá-se nas ribeiras desta Bahia muito e mui excelente gengibre, que bastara para enriquecer, se não fora droga proibida”.

42. Genipapo, Janipaba	<i>Genipa americana</i> L. RUBIACEAE		v	A M	O fruto comia-se cru contra as lombrigas e como antidi-sentérico.
43. Goembegoaçucipó-de-tracoá	<i>Philodendron imbe</i> Schott ex Endl. ARACEAE		v	M	A casca da trepadeira era fumigada pelo efeito hemostático.
44. Gravanços, Grão-de-bico	<i>Cicer arietinum</i> var. vulgare Jaub. FABACEAE	v		A	Legume importado de Portugal que se cultivava no Brasil.
45. Hortelã, Oregão	<i>Mentha</i> spp. LAMIACEAE		v	C M	Erva de cheiro.
46. Igcigca, almécega	<i>Proteumbrasiliense</i> Engl. BURSERACEAE		v	O	O óleo era aplicado em emplastos cicatrizantes.
47. Ipecacóaya, Ipecacuanha, Poaia	<i>Carapicheaipecacuanha</i> (Brot.) L. Andersson RUBIACEAE	v	v	M	Macerada em água de um dia para o outro, a raiz triturada servia como purgante. Também se tomava a infusão como antidi-sentérico.
48. Jambig, jambu	<i>Spilanthesoleracea</i> L. ASTERACEAE		v	A C M	Erva consumida contra problemas de fígado e dos rins.
49. Laranjeira (amarga)	<i>Citrus aurantium</i> L. RUTACEAE	v	v	A M	Fruto bom consumido no Brasil, de árvores vindas de Portugal, que produzem sem ser regadas.
50. Lentilhas	<i>Lens culinaris</i> Medik FABACEAE	v		A	Legume consumido no Brasil.
51. Limeiras	<i>Citrus aurantiifolia</i> (Christm.) Swingle RUTACEAE	v	v	M	Fruto consumido no Brasil.
52. Limoeiros	<i>Citrus limon</i> (L.) Osbeck RUTACEAE	v	v	M	Fruto consumido no Brasil.
53. Limoeiro, Cidreira	<i>Citrus medica</i> L. RUTACEAE	v	v	M	Fruto bom consumido no Brasil, de árvores vindas de Portugal, que produzem sem ser regadas. Suco de limão é usado em diversas prescrições
54. Malagueta, Pimenta	<i>Capsicum annum</i> SOLANACEAE	v		C M	“A 50 léguas desta cidade está a Capitania de Sergipe del Rey que na era de 1591 se ganhou aos Topinambós e franceses que (...) daqui levavam a França muito Pau-Brasil, pimenta (da Terra), gengibre.”

55. Malvaisco	<i>Althaea officinalis</i> L. MALVACEAE		v	M	Planta do Velho Mundo consumida no Brasil contra o catarro.
56. Mandioca	<i>Manihot esculenta</i> Crantz BROMELIACEAE	v	v	A M	“São as mulheres e não os maridos que plantam a mandioca.” Da raiz se fazem beijús, cuscus da farinha, e posta ao fumo é bebida com água ou vinho contra a peçonha. A tisana da raiz cura febres e bronquites. A raiz cozinhada gerava o mingau consumido contra a febre desde os tempos coloniais. A bebida fermentada era recomendada em caso de males do fígado.
57. Mangaba	<i>Hancorniaspeciosa</i> Gomes APOCYNACEAE	v	v	M	Fruta saborosa e mui sadia com pevides pequenas.
58. Mangará	<i>Calladium</i> spp. ARACEAE	v		A M	Tubérculo comestível com forma de coração.
59. Maracujá	<i>Passiflora edulis</i> Sims PASSIFLORACEAE		v	A M	A folha espremida na pele curava dermatites e doenças venéreas.
60. Melões	<i>Cucumis melo</i> L. CUCURBITACEAE	v	v	A	Fruta de Pernambuco e Rio de Janeiro.
61. Mendobis, Amendoim	<i>Arachis hypogea</i> L. FABACEAE		v	A	Fruta como amêndoas.
62. Mentrastos	<i>Mentha rotundifolia</i> Huds. LAMIACEAE		v	M	Erva de cheiro
63. Milho	<i>Zea mays</i> L. POACEAE	v	v	A M	Alimento dado ao Maixasupam que sobreviveu ao dilúvio, de acordo com a lenda indígena (Anchieta). Dele fazem pão e vinho e se come assado (Cardim).
64. Mocujê, Macujê, Mucugé	<i>Couma rigida</i> Mull. Arg. APOCYNACEAE	v		A	Fruta como peros bravos de Portugal.
65. Mostarda	<i>Brassica nigra</i> (L.) W.D.J. Koch BRASSICACEAE		v	C	Legume.
66. Nabos	<i>Brassica napus</i> L. BRASSICACEAE		v	A	Legumes.

67. Naná, ananaz, ananás	<i>Ananas comosus</i> (L.) Merr. BROMELIACEAE	v	v	A M	“Cheira-cheira em tupi, dão-se em uns cardos e as folhas como erva-babosa, o fruto é pinha, ainda que maior.” O fruto consumia-se contra os males dos rins. Ingerido com vinho era poção medicinal. Também erradicava lombrigas.
68. Ombu, Umbu	<i>Spondiaspurpurea</i> L. ANACARDIACEAE		v	A	A raiz era aperitiva, diurética e febrífuga.
69. Pau-Amarelo	<i>Aspidosperma spruceanum</i> Benth. ex Mull. Arg. APOCYNACEAE	v		O	A seiva era bálsamo.
70. Pau-Branco	<i>Auxemma oncocalyx</i> (Allemão) Baill. BORAGINACEAE	v		O	“Aqui se obtêm bálsamos tão prezados nestas partes”. No tronco da árvore “depois de bem ferida pelos golpes vão metendo algodão no qual se embebe o suco”
71. Pau-Brasil	<i>Caesalpinia echinata</i> Lam. FABACEAE	v	v	O	“É país fértil em madeiras, pau Brazil”.
72. Pepino	<i>Cucumissativus</i> L. CUCURBITACEAE	v	v	A M	Legume importado de Portugal.
73. Perexil, Salsa	<i>Petroselinum crispum</i> (Mill.) Fuss. APIACEAE	v		A C M	Da terra há poucos legumes, mas de Portugal há muitos.
74. Poejo	<i>Mentha pulegium</i> L. LAMIACEAE		v	M	Erva de cheiro
75. Rabãos, Rábanos, Rabanetes	<i>Raphanus sativus</i> L. BRASSICACEAE	v	v	A	Da terra há poucos legumes, mas de Portugal há muitos.
76. Rosa de Alexandria	<i>Rosa centifolia</i> L. ROSACEAE		v	M	Usado para fabricar água de rosas, com ou sem açúcar, sendo parte importante de diversas prescrições.
77. Sândalo	<i>Santalum album</i> L. SANTALACEAE	v	v	M	Pau de bom olor. Óleo para problemas cutâneos, perfume. Há sândalos brancos em quantidade.
78. Tajaoba, taioba, taroba	<i>Xanthosomaviolaceum</i> Schott ARACEAE		v	M	Consumido como purgante e alimento.
79. Tareroquig, Tareroqui	<i>Cassia occidentalis</i> L. FABACEAE		v	A M	Planta antidisentérica e contra lombrigas.

80. Tetigucú, Raíz de Mechoacán	<i>Ipomoea purga</i> (Wender.) Hayne CONVOLVULA CEAE		v	M	Raiz consumida como purgante. Macerada em vinho era antipirética.
81. Trigo	<i>Triticum</i> spp. POACEAE		v	A	“No Rio de Janeiro e Campo de Piratininga se dá bem o trigo”
82. Vinha, Uva, Parreiras	<i>Vitis vinifera</i> L. VITACEAE	v	v	A	“Tem muitas e muy boas vinhas (na Serra do Paraná)”. “Já começam a fazer vinhos, ainda que têm trabalho em o conservar, porque em madeira fura-lhe a broca logo, e talhas de barro” não há, em Cardim.
83. Zarparrilla, Salsaparrilha Caarobmoçoran digba	<i>Smilax medica</i> Schltl. & Cham. SMILACACEAE		v	M	A raiz consumia-se contra a sífilis e outras doenças venéreas.

Fonte: Manuscritos de Anchieta (1933) e Cardim (1997).

Notas: Colunas 3 e 4 – Autores: 1. José de Anchieta (1534-1597); 2. Fernão Cardim (1548-1549? – 1625). Coluna 5 – usos atuais: Alimento (A); Condimento (C); Uso Medicinal (M); Outros (O). Coluna 6 – plantas estudadas por cada autor, no séc. XVI, com a terminologia por eles usada

2 MATERIAIS E MÉTODOS

A primeira fase constou da exploração de fontes escritas dos Padres José de Anchieta e Fernão Cardim. Como referimos antes, a obra de Fernão Cardim está editada em português, com anotações da pesquisadora Ana Maria Azevedo (CARDIM, 1997). O manuscrito foi editado pela primeira vez em Inglaterra, já que o então Procurador da Província do Brasil, ao regressar de Roma para a América do Sul, foi capturado por corsários, tendo sido levado para Inglaterra e mantido prisioneiro entre Dezembro de 1601 e Março de 1603. O seu manuscrito intitulado “Tratados da Terra e Gente do Brasil” foi confiscado e acabou sendo publicado, juntamente com cartas do jesuíta, em Londres por Samuel Purchas, em 1625.

Os dois jesuítas aparecem ligados pelo facto de ambos pertencerem à mesma ordem religiosa e por terem viajado praticamente pelas mesmas paragens brasileiras, de Pernambuco, à Bahia de Todos os Santos, Ilhéus, Sergipe, Porto Seguro, Espírito Santo, Rio de Janeiro, São Paulo, Santos, São Vicente, Serra do Paraná. Anchieta nasceu espanhol e fundou São Paulo, vindo a falecer no atual estado do Espírito Santo. Ambos tinham conhecimentos do tupi-guarani e foram observadores atentos da realidade brasileira na longa vida ali passada. Após a sua libertação, Fernão Cardim regressou ao Brasil e como provincial da Companhia encomendou a primeira obra hagiográfica sobre o Padre José de Anchieta.

As fontes históricas sobre Anchieta mereceram detalhamento numa primeira versão deste trabalho, que analisou exclusivamente a obra dele (MADALENO, 2016). Estas fontes secundárias

foram cruzadas no quadro 1, onde listámos todas as plantas nomeadas por Anchieta e por Cardim, excetuando aquelas que foram introduzidas pelas naus e caravelas portuguesas desde o oriente, pois a rota do Cabo da Boa Esperança frequentemente incluía a paragem em portos brasileiros, mesmo em torna-viagem, ou seja, no regresso a Lisboa.

Assim, plantas como a noz-moscada e o sândalo branco aparecem mencionadas como sendo nativas do Brasil, gerando perplexidades que os botânicos nem sempre logram esclarecer. Em boa verdade, Cardim já tinha lido Garcia da Orta (1563), Cristóvão da Costa (outro jesuíta) e provavelmente Duarte Barbosa (VEIGA, 1996, 2000). Mas torna-se um desafio à ciência consagrada sobre a origem das plantas ler que “[...] acham-se sândalos brancos em quantidade [...]” no Brasil de quinhentos (CARDIM, 1997, p. 109). A identificação taxonómica seguiu a norma dos *Missouri Botanical Gardens* (MISSOURI BOTANICAL GARDENS, 2016).

A segunda fase constou do cruzamento das fontes históricas examinadas com as fontes primárias recolhidas durante as missões de investigação científica ao Brasil, ao serviço do IICT: a Belém do Pará (1998, 2005); a Presidente Prudente, São Paulo (1999); a Santarém do Pará e ilhas fluviais do rio Amazonas (2006, 2007); a Brasília e ao cerrado limítrofe (2008); a S. Luís do Maranhão (2010), num processo idêntico ao realizado anteriormente apenas com a flora mencionada por Anchieta (MADALENO, 2016). A metodologia utilizada foi qualitativa, baseada em amostragens feitas em cada uma daquelas cidades e em suas áreas metropolitanas, com recurso a entrevistas a três atores principais: 1) Agricultores urbanos e periurbanos, jardineiros e cultivadores de quintais, plantadores de hortas comunitárias; 2) Vendedores de mercados e feiras, farmacêuticos e terapeutas que vendessem ervas e preparados medicinais; 3) Curandeiros e médicos fito-terapeutas (MADALENO, 2002, 2011, 2013).

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Do cruzamento dos dados recolhidos sobre usos da flora nativa e exótica durante o Renascimento e na atualidade resultou a identificação botânica de 84 espécies diferentes que correspondem aos 83 vernáculos do quadro 1. Com efeito, propusemos duas identificações para as palmas, que tanto Anchieta como Cardim referem indiscriminadamente, designando quer a palmeira de efeitos terapêuticos benéficos (coqueiro), como ainda aquela cujas folhas cobrem as casas (*Genoma paniculigera*). Citamos Cardim: “[...] moravam os índios (...) em umasocas (...) com as paredes de palha ou de taipa de mão, cobertas de pindoba, que é um certo género de palma que veda bem água [...]” (CARDIM, 1997, p. 235). A metodologia utilizada permite traçar a evolução da flora consumida no Brasil ao longo do tempo, neste particular em dois momentos, durante o Renascimento e na atualidade, assim como comparar as plantas alimentares e medicinais dos dois jesuítas.

3.1 Primeiro Resultado

Um terço das espécies é comum aos manuscritos dos dois jesuítas. No geral são plantas alimentares nativas (araticum, acaju, cará, feijão, mandioca, mangaba, milho, naná), mas são numerosas também as exóticas levadas de Portugal (alface, couves, ervilha, laranjas, limões, limas, cidras,

melões, pepinos, rabanetes). Os manuscritos dos jesuítas, incluindo as narrativas epistolares, contêm referências à flora consumida pelos membros da Companhia, pelos colonos lusos e pelos índios, detalhando por vezes o modo de preparação, como no caso do cauim, bebida fermentada do cajueiro. Descreviam as espécies desconhecidas dos europeus com recurso a comparações com frutas ou ervas do Velho Mundo, o que explorámos já em Anchieta no referente ao camapu, comparado à erva-moura, silvestre em Portugal (Madaleno, 2016).

3.2 Segundo Resultado

As espécies mais valiosas, como o arroz, são referenciadas como cultivos de exportação, em Anchieta, com menção expressa de que se exportava para Angola, uma curiosa variante no conhecido comércio triangular (PETRUS et al., 1610). Esse princípio aplica-se igualmente à cana-de-açúcar, cultivada na Bahia e, no geral, no nordeste do Brasil por onde Anchieta e Cardim viajaram e onde residiram. Relativamente às plantas medicinais, ambos mencionam as virtudes da ipecacuanha, purgante quando macerada e antidiarreica quando infusa. Curiosamente nunca encontramos o uso desta planta durante as missões ao Brasil, mas estudos realizados pela farmacêutica brasileira Therezinha Rego, no estado do Maranhão, provam que a raiz infusa e triturada é emética, adstringente e hemostática (REGO, 2008).

Outra mezinha mencionada nos manuscritos dos dois jesuítas é o naná (cheira-cheira em Tupi) que se consumia contra a “dor de pedra” (CARDIM, 1997, p. 115). Ingerido também com vinho erradicava as lombrigas. O consumo do fruto pelas virtudes diuréticas foi registado na missão a S. Luís do Maranhão (2010) e outros autores brasileiros consagraram as virtudes terapêuticas da fruta, que facilita a digestão e desobstrui o fígado (VIEIRA, 1992), constituindo um nutraceutico, planta que nutre e cura. Esta classificação pode dar-se à mandioca que curava febres e bronquites e se recomendava no séc. XVI contra os males do fígado. Na Costa Rica registámos o seu uso como analgésico, a folha em banhos contra dores reumáticas ou pingada no ouvido, a polpa do rizoma contra dores de dentes (MADALENO, 2013). No Brasil ainda se usa para as afeções do fígado.

3.3 Terceiro Resultado

Algumas plantas com aplicações terapêuticas no Renascimento caíram em desuso ou possuem hoje outras utilizações, de acordo com os dados recolhidos durante as missões científicas ao Brasil, complementadas por estudos de botânicos, agrónomos e farmacêuticos brasileiros (RODRIGUES, 1989; REGO, 2008; VAN DEN BERG, 1993; RIZZINI; MORS, 1995; VIEIRA, 1992). É o caso das espécies da flora nativa que seguem, a saber: 1) *Gomphia parviflora*, mencionada por Cardim, cujo óleo outrora se besuntava na pele em caso de dermatites; 2) fruto da *Bixa orellana*, que cobria o corpo dos índios como repelente de insetos e de que atualmente só se conhece o uso da semente em infusão contra afeções pulmonares, incluindo a tuberculose (REGO, 2008); 3) A Almecega-cheirosa com que as índias besuntavam o cabelo, nos relatos de Anchieta, é hoje unguento contra contusões, no Maranhão (REGO, 2008); 4) A *Cecropia adenopus* não foi coletada; 5) *Piper betle* do oriente já não se usa; 6) A seiva da cabureigba de Cardim, um cicatrizante natural, hoje não tem uso. Da árvore apenas se aproveita a madeira; 7) Do tabaco ou erva-santa que era milagrosa conhecem-se apenas as

aplicações como fumo, que estão proscritas de lugares públicos por serem perniciosas e tóxicas; 8) Da mangaba, que era tão apreciada e de que se fazia vinho, só se conhece o consumo do fruto e uso da casca contra dermatoses (REGO, 2008); 9) Do pau-amarelo e do pau-branco, cuja resina era bálsamo para os índios e para os colonos, já não há menção.

3.4 Quarto Resultado

A análise da flora mencionada nos manuscritos de Anchieta e de Cardim revela-nos algumas surpresas: 1) Plantas como o bétele, uma piperaceae oriental descrita pelo médico Garcia da Orta, por envolver a noz de areca (*Areca catechu*) em masticatórios, tem no manuscrito de Cardim um nome nativo – Iabigrandi –, sendo que não há qualquer referência à noz. Releia-se o texto: “Esta árvore há pouco que foi achada, e é, como dizem alguns indiáticos, o Betele nomeado da Índia; os rios e os ribeiros estão cheios destas árvores; as folhas comidas são o único remédio para as doenças do fígado [...]” (CARDIM, 1997, p. 104). Não há notícia de que o bétele seja nativo do Brasil e jamais encontramos a planta nas missões científicas. É certo que o hábito de mascar areca envolta em betele e cal era vulgar na Índia, no século XVI, se atentarmos ao texto de Damião de Gois (1749, p. 59): “Servia para cuspir a viscosidade e ventosidade do estômago e da cabeça (...) dá muita saúde, faz bom bafo e mata a sede [...]”. Um relato idêntico é feito por Fernão Lopes de Castanheda na sua “*História do Descobrimento e Conquista da Índia pelos Portugueses*”, editada entre 1552 e 1561.

2) Fernão Cardim escreve mais adiante: “Acham-se sândalos brancos em quantidade. Pau de aquila em grande abundância que se fazem navios dele” (Cardim, 1997, p. 109). Sândalos brancos (*Santalum album*) e pau de aquila (*Aquilaria malaccensis*) constituíram por centenas de anos raridades do extremo-orientale alegadamente originárias respetivamente de Timor e de Malaca (atual Malásia). Apesar de os portugueses terem difundido as plantas com enorme rapidez e eficiência, é estranho que existisse tanto sândalo em Terras de Vera Cruz e ainda mais pau de aquila suficiente para a construção naval. Seriam espécies nativas da América que o jesuíta confundiu com as orientais? Então o erro foi duplo, no caso do sândalo, pois Anchieta nomeia igualmente a árvore.

Damião de Gois escreve sobre as duas espécies vegetais na sua *Crónica do Sereníssimo Rei D. Manuel*. A aquila e o sândalo eram suficientemente preciosas para serem mercadorias confiscadas pelos portugueses junto à Ilha de Polvoreira, a dois juncos que a transportavam (GOIS, 1749, p. 268). Se fosse vulgar no Brasil, certamente não haveria necessidade de irem buscá-las a Malaca. A menos que só mais tarde houvesse notícia desse facto. Fernão Lopes de Castanheda elucida-nos que os navios iam buscar aquila às ilhas de Samatra e Java (atual Indonésia). Refere também, tanto no 2º como no 3º dos seus 10 volumes manuscritos, que os paus de muito bom preço valiam o seu peso em ouro, na Índia. O sândalo vinha de Timor e era igualmente valioso, pelo que foi enviado como presente a Afonso de Albuquerque após haver tomado Malaca.

Contributions of the Jesuits to the study of Brazilian's flora in the 16th century - Anchieta and Cardim

ABSTRACT

Brazil was officially discovered in 1500, by the Portuguese navigator Pedro Alvares Cabral. During the 16th century, the European colonisation evolved slowly, usually penetrating the rivers, a process that favoured the discovery of new plant species and their uses. Because they could read and write, the Roman Catholic clergy, and most particularly the members of the Society of Jesus, led us valuable manuscripts on the issue of the Brazilian flora. This paper contributes to reveal the writings of Jose of Anchieta and FernaoCardim, demonstrating that many of the plant species, both wild and farmed in the 16th century, the native American and the exotic flora, are still consumed today.

Keywords: Culture. History. Brazil. Flora. Anchieta. Cardim.

REFERÊNCIAS

- ANCHIETA, J. **Cartas, Informações, Fragmentos Históricos e Sermões: 1554-1594**. Rio de Janeiro: Civilização, 1933.
- BASSO, M.P.; NETO, J. **Farmácia Portuguesa**. Lisboa: Museu da Farmácia, 2000.
- CARDIM, F. **Tratados da Terra e Gente do Brasil**. Transcrição do texto, introd. e notas: Ana Maria de Azevedo, Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1997.
- CASTANHEDA, F. L. de; BARREIRA, J.; ÁLVARES, J. **História do Descobrimento e Conquista da Índia pelos Portugueses**. Coimbra: [s.n], 1552-1561. 8v.
- CATARINO, F. A Botânica e os Descobrimentos do Século XVI. In: _____. **A Universidade e os Descobrimentos**. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses e Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1993. p. 195-208.
- COUTO, J. **A América Portuguesa nas Coleções da Biblioteca Nacional de Portugal e da Biblioteca da Ajuda**. Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal, 2008.
- GOIS, D.; BOCACHE, R.; LIMA, O. **Chronica do Sereníssimo Rey D. Emanuel**. Lisboa: Officina de Miguel Manescal da Costa, 1749.
- MADALENO, I.M. **A Cidade das Mangueiras: Agricultura Urbana em Belém do Pará**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian/Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 2002.
- MADALENO, I.M. A Flora na Obra de José de Anchieta. In: Congresso Ibero-Americano em Investigação Qualitativa, 5., 2016, Porto. **Atas...** Porto: Universidade Lusófona do Porto, 2016. Disponível em: <<http://proceedings.ciaiq.org/index.php/ciaiq2016/issue/archive>>. Acesso em: 26 out. 2016.
- MADALENO, I.M. **Estudo Etnogeográfico de Plantas Medicinais da América Latina**. Lisboa: Alêtheia Editores, 2013.
- MADALENO, I. M. Plantas da Medicina Popular de São Luís, Brasil. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, Belém, v. 6, n.2, p. 273-286, maio/ ago. 2011.
- MISSOURI BOTANICAL GARDEN. 2016. Disponível em: <<http://www.tropicos.org>>. Acesso em: 26 out. 2016.
- ORTA, G. **Colóquios dos simples e drogas e cousas medicinais da India**. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa, 1963.
- PETRUS, R. Simon, V., BERETARIO, S. Vitae Padre Joseph de Anchieta, **Manuscrito VITAE 153**, p. 54-66, 1610. (Arquivo Romano da Companhia de Jesus).
- PINA, L. Materiais para a História das Ciências no Brasil: Medicina e História Natural, **Congresso do Mundo Português**, vol. 11, Lisboa, p. 407-441, 1940.

- REGO, T.J.A.S. **Fitogeografia das Plantas Medicinais do Maranhão**. São Luís, EDUFMA, 2008.
- RIZZINI, C.T.; MORS, W.B. **Botânica Económica Brasileira**. Rio de Janeiro: Âmbito Cultural, 1995.
- Rodrigues, R.M. **A Flora da Amazônia**. Belém: CEJUP, 1989.
- SOUSA, G. **História da Medicina Portuguesa durante a Expansão**. Lisboa: Círculo de Leitores e Temas e Debates, 2013.
- SOUSA DIAS, J.P. **A Farmácia e a expansão portuguesa: séc. XVII e XVIII**. In: SOARES, V. M.. **A Universidade e os Descobrimentos**. Lisboa: Comissão Nacional para a Comemoração dos Descobrimentos Portugueses / Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1993. p. 209-227.
- VAN DEN BERG, M.A. **Plantas Medicinais da Amazônia**. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1993.
- VEIGA, M. A. da. **O Livro de Duarte Barbosa**. Lisboa: IICT, 1996-2000. v.2 (edição crítica e anotada do manuscrito de 1516).
- VIEIRA, L.S. **Fitoterapia da Amazônia**. São Paulo: Ed. Agronômica Ceres, 1992.

Agradecimentos:

Ao Instituto de Investigação Científica Tropical (IICT) e ao Museu de História Natural e da Ciência (MUHNAC) da Universidade de Lisboa, por haverem autorizado o desenvolvimento deste projeto. Às Bibliotecas e bibliotecários da Universidade Católica Portuguesa; da Academia das Ciências de Lisboa; do Arquivo Romano da Companhia de Jesus, por nos haverem orientado no processo de investigação das fontes manuscritas.

BIOGRAFIA

Isabel Maria Madaleno

É doutorada em Geografia e História pela Universidade de Salamanca, Espanha, e Investigadora em Lisboa desde o ano 2000, primeiro no Instituto de Investigação Científica Tropical e depois na Universidade de Lisboa. Pesquisa plantas úteis usadas desde o início da Expansão Portuguesa na América e na Ásia, assim como a flora medicinal cultivada ou vendida nos mercados e aplicada por curandeiros, na contemporaneidade.